ISSN: 2358-8829

YOUNG SHELDON EM: LUZ, CÂMERA, INCLUSÃO?! CADÊ A ATUAÇÃO DOCENTE?

Iara Gomes Dourado [1]
Juliana Eugênia Caixeta [2]

INTRODUÇÃO

As produções cinematográficas exercem um papel central na construção de representações sociais sobre grupos específicos, incluindo estudantes com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD). Entre essas produções, destaca-se *Young Sheldon*, uma série de grande visibilidade (Souza, 2021), que narra a infância do personagem Sheldon Lee Cooper.

A escolha deste personagem se refere ao nosso interesse por produções cinematográficas com personagens com AH, e como foco o processo educativo de Sheldon, mais especificamente a atuação dos/as docentes que lecionam para ele e sua turma de 9º ano, na primeira temporada, na sala de aula regular. De acordo com Souza (2021), Sheldon possui AH acadêmicas, com maior interesse pela área de Ciências Exatas. Definem-se Altas Habilidades, segundo a Teoria dos Três Anéis de Renzulli (1978; 2002; 2018), como a interação entre três dimensões: habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade.

A relevância desta pesquisa se fundamenta no alinhamento entre a prática pedagógica, o impacto social da mídia e a inovação científica no ensino. No âmbito pessoal, justifica-se pela atuação docente de Ciências Naturais, assumindo o compromisso de mediar a aprendizagem inclusiva para todos e todas os/as estudantes, em especial aqueles/as com AH/SD, inclusive em salas de recursos específicas da área de Exatas, garantindo o direito à suplementação pedagógica voltada a ampliar, aprofundar ou enriquecer a base nacional comum (Brasil, 2007). Em dimensão social, destaca-se que a popularidade da série *Young Sheldon* (Souza, 2021) exerce forte influência na

[1] Graduada do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina - DF, iara1234dourado@gmail.com;
[2] Doutora em Psicologia, Professora da Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, DF, jucaixeta.unb@gmail.com.

construção de representações sociais sobre o perfil de pessoas com AH/SD, podendo cristalizar mitos que dificultam tanto a identificação quanto o processo educacional desse público (Antipoff; Campos, 2010; Negrini, 2023), mas, também, pode ampliar a visibilidade de um fenômeno frequentemente mal compreendido pela sociedade. Por fim, sob a perspectiva científica, a análise da primeira temporada da série como objeto de estudo contribui para problematizar a mediação docente junto a estudantes com AH/SD e inspira novas abordagens pedagógicas e investigações futuras que empreguem produções audiovisuais como ferramentas de ensino e divulgação científica (Reis, E.; Reis, A., 2019), sem desconsiderar seu propósito primário de entretenimento (Carvalho, 2019).

Nesse contexto, a presente pesquisa teve por objetivo descrever e analisar o processo educativo de Sheldon Lee Cooper e a atuação dos/as docentes que lecionam para ele e sua turma de 9º ano na primeira temporada. Para isso, foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa. Os resultados mostraram que, na série, há ausência de mediações e práticas pedagógicas adequadas para os/as estudantes com AH/SD. A série reforça estereótipos e mitos sociais sobre pessoas com AH/SD, negligenciando a função da escola como espaço formal de aprendizagem inclusivo. Concluímos que, apesar de ser uma série ficcional, *Young Sheldon* pode instigar negativamente a percepção social sobre o processo educativo de alunos/as com AH/SD.

METODOLOGIA

Neste trabalho, a metodologia utilizada é a de pesquisa qualitativa, que, de acordo com Caixeta e Mól (2020), consiste em uma abordagem de investigação que possibilita maior flexibilidade no ciclo de pesquisa. Segundo os autores, a pesquisa é um processo específico e sistematizado de passos, cujos métodos podem variar de acordo com os objetivos delineados. No entanto, o que une as investigações de enfoque qualitativo é o interesse na produção de significados sobre os fenômenos investigados (Sampieri; Collado; Lucio, 2013).

YOUNG SHELDON: A SÉRIE

A série *Young Sheldon* é um *spin-off* de *The Big Bang Theory* (Souza, 2021), que retrata a infância e a adolescência do protagonista Sheldon Lee Cooper. Lançada em 2017, uma década após a estreia da série original em 2007, a produção encerrou em 2024, com

sua sétima temporada. Para fins desta pesquisa, o objeto de interesse é a primeira temporada, a qual é composta por 22 episódios com duração média de 20 minutos cada.

PERSONAGEM SHELDON LEE COOPER

O personagem Sheldon Lee Cooper é um garoto que vive no Leste do Texas, Estados Unidos (EUA), com sua família: a avó Connie Tucker, a mãe Mary Cooper, o pai George Cooper, o irmão mais velho George Cooper Jr. e sua irmã gêmea, Missy Cooper. O comportamento de Sheldon é percebido por sua família, professores e por si mesmo como diferente do das outras crianças, pois ele é questionador e curioso sobre temas de seu interesse, principalmente na área da Física. Além dessas características, Sheldon possui uma personalidade que se destaca pela soberba; na maioria das interações interpessoais, sente-se superior em relação às demais pessoas, e é uma criança que preza estritamente pelas regras.

MÉTODO

O objetivo deste trabalho foi descrever e analisar o processo educativo do personagem Sheldon Lee Cooper, mais especificamente, a atuação dos/as docentes que lecionam para ele e sua turma de 9º ano na primeira temporada da série *Young Sheldon*. Para tanto, usamos como definições: i) Processo educativo: foi compreendido como processo intencional de mediação da aprendizagem na escola. ii) Atuação docente: foi compreendida como a ação com intenção de ensinar os/as alunos/as conceitos científicos, conforme função da escola (Bisinoto, 2012). Com a finalidade de identificarmos nosso objetivo, assistimos aos episódios da primeira temporada da série três vezes. O objetivo de assisti-los foi fruir a experiência narrativa de cada episódio e do conjunto deles. Na quarta vez, os episódios foram observados com a intencionalidade de classificá-los a partir dos conceitos de processo educativo e atuação docente. Dessa forma, nosso trabalho teve duas categorias já estabelecidas. Trata-se de um processo de Análise de Conteúdo indutivo (Bardin, 2011).

REFERENCIAL TEÓRICO

O reconhecimento das AH/SD tem história que remete à antiguidade, mas ganhou bases científicas no século XX. No Brasil, a temática avançou a partir da publicação da

ISSN: 2358-8829

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/1996), que incluiu estudantes com AH/SD entre os beneficiários da Educação Especial. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) define esses estudantes como aqueles que demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de elevada criatividade e envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas que são de seu interesse. No Brasil, a legislação garante aos estudantes com AH/SD o direito ao atendimento educacional especializado e ao enriquecimento curricular, visando o desenvolvimento pleno de suas potencialidades (Brasil, 1996; 2007).

A Teoria dos Três Anéis, de Joseph Renzulli (1978; 2002; 2018), é referência amplamente aceita: as AH/SD resultam da interação entre habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade. O autor propõe o Modelo de Enriquecimento Triádico, composto por atividades de estimulação geral (Tipo I), desenvolvimento de habilidades processuais (Tipo II) e investigação de problemas reais (Tipo III), que deve orientar a prática pedagógica em sala de aula comum e em espaços especializados (Renzulli, 2018).

Os/as estudantes com AH/SD apresentam características singulares, não sendo possível padronização de características e de intervenção. Nesse sentido, o processo educativo de estudantes com AH/SD necessita de um olhar atento para cada estudante, de forma a prover as mediações adequadas para a valorização e potencialização das habilidades desses/as estudantes.

O processo educativo é compreendido como o conjunto de ações intencionais de mediação de conhecimentos, atitudes e valores desenvolvidas na escola com a participação de docentes e estudantes (Brasil, 1996; Xavier, 2016). A atuação docente, por sua vez, consiste na ação pedagógica que adapta estratégias, conteúdos e desafios às necessidades dos/as alunos/as (Bisinoto, 2012). No caso de estudantes com AH/SD, espera-se que os/as docentes promovam enriquecimento curricular, aprofundamento e flexibilização, em colaboração com famílias e equipes especializadas (Brasil, 2007).

Apesar disso, a literatura evidencia que muitos/as docentes não se sentem preparados/as para atuar com esse público, em razão de lacunas na formação inicial e continuada, além da disseminação de mitos sociais por meio das produções cinematográficas, que retratam pessoas com AH/SD como indivíduos geniais, isolados

ou com dificuldades de convivência (Virgolim, 2007; Carvalho, 2019), e que aprendem sozinhos, são talentosos em todas as áreas ou apresentam comportamento padronizado, o que dificulta a identificação e o atendimento adequado (Silva *et al.*, 2019; Virgolim, 2021).

As produções cinematográficas constroem representações estereotipadas de pessoas com AH/SD que chegam a amplos públicos. Estudos anteriores analisaram obras como "Gênio Indomável, 1997", "O som do Coração, 2007", "Brilhante, 1996", identificando que, frequentemente, essas produções reforçam a ideia de que o talento dispensa apoio escolar, que a família supre a escola e de que pessoas geniais são, por natureza, excêntricas ou solitárias (Luz, 2015; Carvalho, 2019). Tais representações podem naturalizar a ausência de práticas inclusivas e perpetuar equívocos sobre a função da escola (Reis; Reis, 2019).

Quando o processo educativo é desenvolvido a partir de práticas e apoios adequados, o desenvolvimento da/o alto/a habilidoso/a será eficiente, contribuindo ainda mais para seu bem-estar. Caso contrário, é possível que o indivíduo comece a se frustrar e perca o interesse em continuar se desenvolvendo por causa da falta de apoio, ter problemas emocionais, ou construa a percepção de que o ensino com um orientador/a e professor/a não seja de grande valia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dezoito cenas foram identificadas com conteúdos relacionados à escolarização de Sheldon. Foram cenas que aconteceram na escola 83,3% de Sheldon e na família 16,7%.

No entanto, nenhuma cena foi qualificada em nossas categorias: Processo Educativo e Atuação Docente. A partir desse resultado de ausência do processo educativo de Sheldon e da atuação docente, optamos por fazer uma análise das dezoito cenas, considerando um processo dedutivo de análise, no qual as categorias foram elaboradas a partir da análise dos conteúdos, no nosso caso, das transcrições das falas das personagens nas cenas nas quais há menção ao processo de escolarização de Sheldon. Nesta perspectiva, foram construídas categorias que permitem descrever o processo de escolarização de Sheldon a partir de três perspectivas: i) dele mesmo; ii) dos/as docentes da escola e iii) da Mãe e do Pai.

Categoria 1 - A escolarização de Sheldon por ele mesmo

Esta categoria teve o objetivo de descrever a percepção que Sheldon possui sobre seu processo de escolarização.

O personagem percebe a escola como insuficiente para seus interesses e nível de conhecimento. Em alguns episódios, manifesta tédio, desmotivação e frustração: "*Não estou aprendendo nada e não quero ir mais* (Ep. 19)". Apresenta, em contrapartida, iniciativa própria de estudo e busca espaços mais desafiadores, como correspondência com pesquisadores e ingresso como aluno ouvinte em universidade.

Sheldon: "Quando não era estimulado intelectualmente, meu cérebro ficava mais do que feliz em tomar a iniciativa". (Ep. 19).

Essa trajetória coincide com o que descreve a literatura: quando a escola não oferece estímulos adequados, estudantes com AH/SD tendem a buscar alternativas fora do sistema, podendo desenvolver desinteresse e afastamento (Negrini; Freitas, 2008).

Categoria 2 - A escolarização de Sheldon por docentes

Os/as professores/as apresentam queixas em relação ao comportamento de Sheldon: questionam suas intervenções em sala, sentem-se desrespeitados e consideram a escola inadequada para ele.

Srtª Mac Elroy: "Foi uma ideia imbecil." Nossa escola não é o lugar para esse garoto." (Ep. 1).

Srtª Ingram: "Então o quadrado do seno mais o cosseno é igual a um."

Sheldon: "Olha, não quero envergonhá-la, então vou dar um instante para pensar no que acabou de dizer." (Ep. 10).

No entanto, percebemos que não só Sheldon foi desrespeitoso com os/as docentes. Eles e elas também foram com ele, primeiro por não garantirem a adequação curricular a qual ele tem direito e, segundo, por comportamentos inadequados, como este:

Sheldon: "A senhorita Ingram ficou chateada pela minha falta?"

Amigo: "Na verdade, ela ficou feliz, até fez uma dancinha." (Ep. 6).

Sheldon: "Senhorita Ingram."

Srtª Ingram: "Sim, Sheldon."

Sheldon: "Já acabei."

Srtª Ingram: "O que?"

Sheldon: "Eu gostei bastante, se você tiver outra prova, eu faço outra."
Srtª Ingram: "Não, eu não tenho outra prova. Leia a próxima lição do livro." (Ep. 9).

A literatura indica que essa postura reflete lacunas formativas reais, pois muitos docentes não recebem preparação para lidar com estudantes com AH/SD durante o processo formativo, o que gera insegurança e rejeição. A série, ao omitir práticas de enriquecimento e colaboração, passa a validar que a solução é encaminhar o aluno para outra instituição, em vez de transformar e adaptar a escola que ele frequenta.

Categoria 3 - A escolarização de Sheldon por sua Mãe e seu Pai

A mãe e o Pai de Sheldon, com frequência, são convidados a ir para a escola. Nas reuniões, a mãe defende o direito de Sheldon à educação na escola pública, mas não encontra suporte entre os profissionais.

Mãe: "É simples. Não temos escolha."
Diretor: "Bom, pelo menos tentaram. Então sorte para o Sheldon em outro lugar."
Mãe: "Não, não. Nós não temos escolhas. Ele tem que ficar aqui. Não podemos pagar uma escola particular. Eu não posso dar aulas para ele. Ele está estudando cálculo e sei lá o que...euclidiana. Eu só quero que meu filho tenha a educação que ele merece. Então, todos vocês vão ter que dar um jeito." (Ep. 1)

Além disso, os pais são levados a considerar a transferência de Sheldon para uma instituição especializada distante, o que gera tensão entre a garantia de oportunidades acadêmicas e a proteção emocional da criança.

Diretor: "Quero que vocês considerem outra abordagem para a educação dele."
Diretor: "Conversei recentemente com a diretora da academia de Wilmont para crianças superdotadas. Eu contei para ela tudo sobre o Sheldon e ela pareceu achar que o lugar é perfeito para o garoto." (Ep. 10)

A narrativa apresenta a família como sendo a única protagonista na busca por solução, minimizando a responsabilidade da escola e do sistema de ensino. Esse enfoque reforça a visão de que a educação de estudantes com AH/SD é tarefa da família ou de instituições especializadas, e não de toda a comunidade escolar. Ao longo da temporada, não há cena que represente ações de enriquecimento curricular, trabalho colaborativo

entre docentes, formação continuada ou articulação com serviços de atendimento educacional especializado. A série não apresenta orientação alinhada ao conhecimento científico da área, resultando em uma falha de sistema.

Dessa forma, *Young Sheldon* contribui para a difusão de mitos: pessoas com AH/SD aprendem sozinhas, a escola comum não tem nada a oferecer e o perfil de personalidade é uniforme e excêntrico. Essas representações dificultam a identificação de estudantes com AH/SD na realidade e justificam a omissão de políticas públicas e formação docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do processo educativo do personagem Sheldon Lee Cooper na primeira temporada de *Young Sheldon* evidenciou a ausência de práticas pedagógicas inclusivas e suplementares para estudantes com AH/SD que sejam adequadas. A opção da instituição escolar por condutas excludentes contrapõe-se ao que é assegurado pelas políticas públicas, legislação brasileira e as ideias defendidas por Joseph Renzulli sobre o enriquecimento curricular, resultando em frustração e desejo de ruptura com ensino por parte do estudante.

Constatou-se que as dificuldades e as queixas docentes observadas na narrativa se devem às barreiras estruturais, como a escassez de redes de apoio e, sobretudo, as lacunas na formação acadêmica inicial e continuada nas Instituições de Ensino Superior, pois estes locais ainda não têm um espaço de diálogo sobre a temática das AH/SD.

Esse déficit formativo perpetua a reprodução de mitos e estereótipos sociais, os quais são frequentemente realimentados por produções cinematográficas de grande alcance que retratam o indivíduo com AH/SD. Neste caso, Sheldon Lee Cooper foi apresentado de forma estereotipada, sendo uma criança soberba, superior às demais pessoas.

Por fim, o estudo ressalta a urgência de capacitar os/as docentes para a mediação de processos inclusivos pautados nos interesses individuais dos/as alunos/as, reafirmando a responsabilidade social do audiovisual ao abordar essa temática. Recomenda-se a realização de novas pesquisas que utilizem a análise crítica da mídia como ponte entre a universidade e a comunidade, fortalecendo a produção científica e desconstruindo mitos sociais que dificultam a inclusão ao atendimento dos/as altos/as habilidosos/as.

Palavras-chave: Altas Habilidades, Atuação Docente, Processo Educativo, Young Sheldon.

REFERÊNCIAS

ANTIPOFF, C. A.; CAMPOS, R. H. de F. Superdotação e seus mitos. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n.p. 301-309, jul./dez. 2010.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BISINOTO, C. EDUCAÇÃO, ESCOLA E DESENVOLVIMENTO HUMANO: articulações e implicações para o ensino de ciências. In: GUIMARÃES, E. M.; CAIXETA, J. E.(orgs.). *Trilhas e encontros: mediações e reflexões sobre o ensino de ciências*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012. p. 11.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Normativa nº 13, de 24 de abril de2007.Brasília, DF, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

CAIXETA, J. E.; MÓL, G. de S. Orientações metodológicas iniciais para pesquisa qualitativa no Ensino de Ciências inclusivo. In: CAIXETA, J. E.; SOUSA, M. do A. de; SANTOS, P. F.; SILVA, R. L. J. da (org.). *Inclusão, Educação e Psicologia: mediações possíveis em diferentes espaços de aprendizagem.* Campos dos Goytacazes: Encontrografia, 2020.p.43-75. ISBN 978-65-990467-9-7.

CARVALHO, S. C. G. de. *A visão do cinema sobre altas habilidades/superdotação.* Orientação: Prof.ª. MSc. Anunciata Cristina Marina Braz Sawada; Prof.ª Dra. Cristina Maria de Carvalho Delou. Rio de Janeiro: Instituto Oswaldo Cruz, Pós-graduação Lato Sensu em Ciência, Arte e Cultura na Saúde, 2019.

LUZ, C. R. da. Altas Habilidades/Superdotação: das telas do cinema aos debates inclusivos da educação. 2015. Orientador: Sonize Lepke. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira do Sul, Curso de Erechim, RS, 2015.

NEGRINI, T. Altas habilidades/superdotação: do reconhecimento ao atendimento destes estudantes na escola. In: PAVÃO, Ana Cláudia Oliveira; PAVÃO, Sílvia Maria de Oliveira (orgs.). *Intervenções pedagógicas no AEE: potencializando o ensino, a aprendizagem e a inclusão.* Santa Maria: FACOS-UFSM, 2023. Cap.4.

NEGRINI, T.; FREITAS, S. N. A identificação e a inclusão de alunos com características de altas habilidades/superdotação: discussões pertinentes. *Educação Especial*, Santa

Maria, n. 32, p. 273-284, 2008. Disponível em: http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial.

REIS, E.; REIS, A. C. C. dos. A divulgação e o ensino da Química no seriado The Big Bang Theory. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. *XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*, Porto Alegre, RS, 20-22 jun. 2019. Cascavel: Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz – FAG.

RENZULLI, J. Emerging conceptions of giftedness: building a bridge to the new century. *Exceptionality*, v. 10, n. 2, p. 67-75, 2002.

RENZULLI, J. Reexaminando o papel da educação para superdotados e o desenvolvimento de talentos para o século XXI: uma abordagem teórica em quatro partes. In: VIRGOLIM, A. M. R. (Org.) - Altas Habilidades/Superdotação: processos criativos, afetivos e desenvolvimento de potenciais. Curitiba: Juruá, 2018.p.20-42.

RENZULLI, J. S. *What makes giftedness: a reexamination of the definition of the gifted and talented*. Storrs: University of Connecticut, Bureau of Educational Research Report Series, 1978.

SAMPIEIRI, R. H., COLLADO, E. F.; LUCIO, M. Del P. B. Metodologia de Pesquisa. 5ªed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, F. de O. da; SILVA, R. M. da; FERREIRA NETO, D. D.; MEDEIROS, L. T. C.; CORRÊA, P. S. de A. A história da superdotação na educação brasileira. In: *VI Congresso Nacional de Educação*, 2019.

SOUZA, M. C. D. **A FACE OU AS FACES DE SHELDON COOPER**: duas narrativas em busca de um personagem. Orientador: Theresa Medeiros. 2021. 75 f. Monografia (Graduação)- Curso de Rádio, TV e Internet, Faculdade de Comunicação - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

VIRGOLIM, A. M. R. Altas habilidades/superdotação: encorajando potências. Brasília, DF: MEC, 2007.

VIRGOLIM, A. M. R. As vulnerabilidades das altas habilidades e superdotação: questões sociocognitivas e afetivas. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, e81543, 2021.

XAVIER, R. A. O ensino por investigação, favorecendo o desenvolvimento de atitudes e procedimentos: uma proposta didática aplicada em sala de aula. 2016. 143 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.